



SENHORAS DA LUA VISÕES DE MOVIMENTOS SOCIAIS PELAS PROFESSORAS COM VÍNCULO COM A PROPRIEDADE DA TERRA, EM JACIARA-MT

Waléria Martins de ARAÚJO

Mestre em Educação pelo Instituto de Educação/UFMT

Professora e Coordenadora do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Ciências
Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – EDUVALE, em Jaciara-MT

RESUM O

Este trabalho partiu da observação do fato de grande parte das professoras de Jaciara-MT possuírem vínculo com a propriedade da terra. Pretendemos compreender, assim, como as professoras entendem, reelaboram e repassam os Movimentos Sociais no Campo.

Os resultados da pesquisa indicaram que as professoras em Jacira manifestam em suas falas uma influência do vínculo com a propriedade de terra. Contudo, quando discorrem sobre suas ações pedagógicas, as professoras descrevem atividades nas quais está presente uma educação voltada às camadas populares, aos interesses dos Movimentos Sociais. As ações e o discurso das professoras podem ser considerados ações pedagógicas que constituem manifestações de um processo de educação popular, conflituoso e contraditório.

Palavras-chave: Movimentos Sociais, Ideologia, Educação Popular, Proprietário de terra, Vínculo com a propriedade de terra.

ABSTRACT

This paper came up from the observation of the fact that there's a close bond between some of the female teachers from Jaciara-MT and land property. It is intended to understand, then, the way these teachers comprehend, elaborate and deal with social movements in the field.

The results of the indicated that the female teachers from Jaciara express in their speeches certain influence from the land property. However, when they talk about pedagogical actions, those teachers deal with activities that express an instruction aimed at the poor, at the ideals of the social movements. The female teachers' actions and speech can be considered pedagogical actions that make up demonstration of a popular, full of conflicts and contradictory educational process.

Key words: Social Movements, Ideology, Popular Education, Landowner, Bond with land property.

Este artigo pretende mostrar dois aspectos estudados no município de Jaciara-MT. Primeiro, a constatação de que grande parte das professoras de Jaciara-MT, possuem vínculo com a propriedade da terra; e segundo, com a ocorrência de vários e consideráveis Movimentos Sociais no campo.

O título da dissertação de mestrado, Senhoras da Lua, foi inspirado na origem do nome da cidade, baseado na Lenda de Jacira, de Humberto de Campos. Esta lenda relata a história de uma índia chamada Jacira, por ser a Senhora da Lua, e que ao envolver-se com um homem branco, é morta pelo, que arranca seu coração e joga-o no rio Amazonas. Desse dia em diante, surge no rio uma planta, cuja flor, alva como a lua, rebenta somente à noite – Vitória Régia.

Iniciamos procurando mostrar, que não existe um conceito único de Movimento Social, somente a partir

dos anos 60 o estudo sobre esse tema ganhou espaço, densidade e status de objeto de análise e mereceu várias teorias. Ora, os Movimentos Sociais transitam, fluem e acontecem em diferentes espaços sociais. Na maioria das vezes estão questionando as estruturas sociais e propondo novas formas de organização à sociedade política. São inovadores, indicadores de mudança social. Para Touraine (1994), um movimento social é ao mesmo tempo um conflito social e um projeto cultural. Isso é verdade tanto no que se refere ao movimento dos dirigentes como a dos dirigidos. Ela visa sempre a realização de valores culturais, ao mesmo tempo que a vitória sobre um adversário social.

No Brasil, os Movimentos Sociais têm, contemporaneamente, como um dos mais fortes objetivos a luta pela terra. Terra, símbolo de poder e prestígio. A propriedade privada torna-se motivo de lutas. Para Poli (1999), privilegiou-se a constituição e a preservação da grande propriedade, o controle do processo político pelos grandes proprietários rurais e a exclusão econômica, política e cultural dos homens livres e pobres que viviam no campo. A partir da Proclamação da República, a história brasileira está pontuada por conflitos e revoltas camponesas em praticamente todas as regiões do país – coronéis versus cangaceiros. No período que vai de 19940 até 1964, destacam-se os Sindicatos, as Ligas Camponesas, o MASTER (Movimento de Agricultores Sem Terra).

Segundo Cândido Grzybowski (1991), os Movimentos Sociais no Campo agrupam-se em: 1) Movimentos dos camponeses pela terra, com Movimento de Posseiros, onde “cada conflito é um conflito”; Movimentos dos Sem-Terra que apresenta maior grau de articulação interna; Movimento das Barragens caracterizado pela luta contra a expropriação; e lutas indígenas, onde a terra representa a reprodução material e preservação dos valores étnico-culturais. 2) Movimentos dos operários do campo, com ganhos significativos em termos de salário e condições de trabalho e, sobretudo, em termos políticos, isto é, de sua constituição como sujeitos coletivos como classe. 3) Movimentos dos camponeses integrados, cujo móvel mais imediato são os preços e a política agrícola e têm como atores principais uma fração do campesinato que mais se modernizou e se integrou sob o impulso da industrialização e internalização da economia brasileira. 4) novas frentes de luta no campo, como alternativas de produção, mulheres e previdência social, organizando-se em pequenos movimentos localizados, articulados com as grandes lutas, e associações comunitárias, denominadas Glebas.

Diante desse quadro, nada melhor, então, do que a luta pela Reforma Agrária para desvendar as relações entre os movimentos de trabalhadores rurais, sociedade civil e Estado no Brasil. Para Veiga (1981), a reforma agrária depende diretamente da evolução da conjuntura política do país.

Essas informações sobre os movimentos sociais fizeram com que procurássemos entender a sociedade capitalista, através da tradição teórica marxista, expondo os mecanismos de controle do capitalismo: o Estado e a ideologia. Através do Estado assegura-se o direito à propriedade privada e através da ideologia justifica-se esse direito de apenas alguns possuírem a terra.

Para Abramovay (1992), a definição do proprietário de terra é necessariamente negativa: ele é alguém que não vende força de trabalho, mas também não vive basicamente da exploração do trabalho alheio.

É através da ideologia que se fazem presentes os aparelhos ideológicos, discutidos por Althusser (1992), entre os quais, a escola acaba sendo um dos principais mecanismos de controle da sociedade capitalista nos dias atuais. Ora, desde Marx e Engels a educação somente pode ser compreendida como produto do social, determinada pelas relações vigentes em cada sociedade e, portanto, dependente dos interesses e práticas de classe, de tal modo que a transformação da educação é um processo ligado à transformação das relações sociais.

Para Libâneo (1998), a prática educativa existe numa grande variedade de instituições e atividades sociais decorrentes da organização econômica, política e legal de uma sociedade, da religião, dos costumes, das formas de convivência humana. Temos, então, uma educação não-intencional, informal, referindo-se às influências do contexto social e do meio ambiente sobre os indivíduos; e por conseguinte, uma educação intencional, formal, referindo-se às influências em que há intenções e objetivos definidos conscientemente, como é o caso da educação escolar e extra-escolar.

Os procedimentos e instrumentos foram predominantemente de natureza qualitativa, uma vez que trabalhamos na direção da construção de um referencial de análise histórico-dialético, numa perspectiva marxista. Foi utilizado um levantamento bibliográfico, uma análise de documentos sobre Jaciara e Movimentos Sociais no Campo organizados na região, e a observação do município e seus habitantes, mais especificamente professores e proprietários de terra, anotadas em caderno de campo.

Através da aplicação de um questionário nas Escolas da Rede Estadual de Ensino de Jaciara, observamos que na relação de professores com vínculo com a propriedade da terra, a maioria era do sexo feminino, o que influenciou na decisão de realizarmos um recorte de gênero. Assim, utilizamos somente professoras e seus respectivos vínculos com a propriedade de terra, na pesquisa empírica.

A colonização do território de onde seria localizado o município de Jaciara, inicia-se em 1877. A fundação da cidade, porém, só ocorrerá em 1947, através da iniciativa de uma Companhia Colonizadora pertencente a família Ferreira. Localizada na região sul do Estado do Mato Grosso, hoje, Jaciara, possui 21.917 habitantes, de acordo com o Censo demográfico.

A cidade, criada pela Colonizadora Industrial Pastorial LTDA – CIPA, possui hoje uma estrutura fundiária caracterizada pelo cultivo de soja, arroz, milho, feijão, horticultura, psicultura, café e cana-de-açúcar; e com a criação de suínos, aves, bovino de corte e de leite. A atividade industrial é a grande geradora de empregos, destacando-se a presença de agro-indústrias, como a usina de cana-de-açúcar. O setor comercial conta com um grande número de estabelecimentos. O setor eco-turístico está assumindo uma certa importância para a economia local.

Os Movimentos Sociais no Campo em Jaciara, utilizando a definição de Cândido Grzybowski (1991), caracterizam-se pela organização de associações de produtores rurais (Glebas), sem fins lucrativos, com a finalidade de prestar quaisquer serviços que possam contribuir para o fomento e racionalização das explorações agropecuárias e para melhorar as condições de vida de seus associados.

A respeito da educação em Jaciara, mais especificamente em relação aos seus professores, vimos que muitos possuem alguma relação com a propriedade da terra: são proprietários ou têm relação com proprietários, que são seus filhos, filhas, pais, mães, esposos, esposas, irmãos, irmãs, avós, tios, primos...

A análise procurou mostrar como elas entendiam, reelaboravam e repassavam ideologicamente suas visões dos Movimentos Sociais no Campo. Analisou-se as entrevistas realizadas com as cinco professoras e os cinco proprietários de terra, seus respectivos vínculos com a terra. Para tanto, estruturou-se os perfis desses dois segmentos sociais, destacando que, todas as professoras cursaram o ensino superior; algumas participam do sindicato dos professores; e os proprietários não possuíam o 2º grau e também não participavam do sindicato rural.

A análise ficou dividida em três partes, sendo que o contraponto utilizado em relação à fala das professoras, foi sempre a fala dos proprietários de terra. A primeira parte enfocou como as professoras de Jaciara-MT, entendem os Movimentos Sociais no Campo ante a questão da aquisição da propriedade, da luta pela terra, do poder político, do financiamento e da Reforma Agrária. Assim, demonstraram que possuíam juntamente com os proprietários, uma forte ligação com a propriedade privada, ou seja, o orgulho de manter a terra, enquanto outros venderam, e o orgulho pelo fato de conseguirem manter suas propriedades.

A segunda parte objetivou compreender como as professoras reelaboram os Movimentos Sociais no Campo, através de suas opiniões sobre movimentos. Constatou-se novamente que as professoras manifestam, além de um entendimento maior do que os proprietários de terra sobre os Movimentos Sociais no Campo, mas também uma certa reelaboração em favor dos movimentos. É evidente que as professoras também expressam o vínculo com a propriedade de terra nas entrevistas. Contudo, o vínculo com a categoria de professor também as faz analisar a situação dos Movimentos Sociais no Campo com outros olhos. De maneira geral, as professoras consideram importante a atuação dos movimentos pela terra, pois questionam a situação vigente. E mais, as filhas reconhecem que seus pais possuem uma opinião contrária aos movimentos, apesar de compreenderem a luta pela terra. Lembrando que o proprietário 5, que é o marido de uma das professoras, demonstrou um conhecimento um pouco mais elaborado de produção capitalista.

A terceira parte procurou analisar as falas das professoras objetivando observar em que momentos as professoras repassam os Movimentos Sociais no Campo e como ocorre esse repasse. Nesse sentido, no entendimento e repasse de sua visão de Movimentos Sociais no Campo, as professoras manifestaram seu vínculo com a propriedade de terra, mas também disseram ser a favor dos movimentos. Já nessa terceira parte, as professoras, apresentam em suas ações pedagógicas, não mais só o vínculo com a propriedade de terra, mas agora com a categoria de professor.

Comentam também como alguns professores são totalmente contrários aos movimentos, não percebendo sua importância, e que esses mesmos professores são aqueles que menos compreendem a realidade social, ou seja, uma realidade, na qual o modo de produção capitalista atua através de uma minoria, enquanto a maioria, as camadas populares, sofrem as consequências das ações daquela minoria. Através dos depoimentos das professoras, constatamos que, a respeito de sua ação pedagógica, há um certo distanciamento da influência de seus pais e marido. As professoras percebem a necessidade, a urgência dos movimentos Sociais no Campo, pois alguns de seus alunos pertencem a movimentos na região ou são a favor da luta dos movimentos.

Contudo, se entendermos que as ações pedagógicas das professoras não se restringem ao âmbito escolar, perceberemos através de suas falas, que essas professoras possuem consciência de sua função enquanto educadora; procuram realizar bem o seu trabalho, talvez até por terem cursado o ensino superior. Mas, em outras situações do dia-a-dia, numa conversa mais profunda, como a entrevista, aparece o receio

com relação aos Movimentos Sociais no Campo, as dificuldades enfrentadas na luta pela terra, o vínculo com parentes proprietários, enfim, o vínculo com a propriedade de terra.

Diante dos dados analisados, percebemos uma forte influência do vínculo com a propriedade de terra nas falas das professoras. Esse vínculo torna-se nítido quando as professoras manifestam suas opiniões sobre a aquisição da terra e a dificuldade para mantê-la, e também sobre os Movimentos Sociais no Campo e Reforma Agrária no Brasil. Nesse momento, as professoras deixam transparecer a importância ideológica que a propriedade de terra tem em suas vidas e no cotidiano de seus familiares.

Contudo, essas professoras não se manifestam totalmente contrárias aos Movimentos, como os proprietários de terra, apesar de seus vínculos com a propriedade privada. Esses proprietários, apesar de entenderem a necessidade e importância da propriedade de terra, de forma geral, questionam as ocupações de terra e o porquê de os sem-terra “receberem a propriedade de terra”, enquanto eles tiveram que comprar. As professoras manifestam, de forma geral, um conhecimento mais elaborado sobre os movimentos de luta pela terra.

A concepção ideológica das professoras sobre os Movimentos Sociais no campo apresenta, então, características de uma visão crítica da realidade, um melhor conhecimento da evolução histórica da sociedade, por influência, talvez, do conhecimento adquirido na formação acadêmica ou da participação no sindicato de professores.

Nesse sentido, quando discorrem sobre suas ações pedagógicas, as professoras não manifestam de modo explícito o seu vínculo com a propriedade de terra. O vínculo, agora, refere-se à categoria de professora. E mais, descrevem atividades nas quais está presente uma educação que se volta para as camadas populares, para os interesses dos Movimentos Sociais no Campo.

Contudo, destaca-se que essas professoras relatam como alguns professores e pais de alunos não aceitam as reivindicações dos movimentos, ignorando que os movimentos sociais constituem um dos mecanismos da população para questionar a sociedade capitalista. Resulta essa negação da presença do vínculo com a terra, não só por parte dos professores e proprietários de terra entrevistados, mas de alguns dos outros cidadãos do próprio município, numa visão ideológica mais próxima da classe dominante.

A Educação popular, segundo Barreiro (1980), poderá vir a ser um instrumento estratégico de formação-organização popular depois de e em função de processos produzidos de luta popular.

Se tomarmos, então, a educação popular neste sentido restrito, servindo à formação –organização popular e, ainda mais, “depois de e em função de processos produzidos de luta popular”, parece-nos claro que, em Jacira, não existem as condições históricas necessárias a essa educação, tão valorizada, no bojo de processos de luta. Há, sim, um início de consciência, por parte de educadores, de seu papel na formação de cidadãos críticos, que saibam identificar os conflitos de classe numa sociedade classista como a nossa. Cidadãos que saibam o porquê desses conflitos, da exploração de uma classe por parte de outra, da existência dos despossuídos, que desejam um pedaço de terra para dela viver.

Porém, a “luta popular”, citada pelo autor em pauta, podemos vê-la, apenas em alguns segmentos dos Movimentos Sociais no Campo, insuficientes, a nosso ver, para engendrar tal educação.

Além disso, como pudemos verificar, as professoras envolvidas, por mais boa vontade que elas tenham em direção a algumas transformações, a alguns “remendos” a uma situação injusta, não conseguem se desprender de sua condição de proprietárias de terra, via parentesco. Em outras palavras, elas estão divididas, ou bem no centro de um conflito: estão do lado dos detentores da propriedade privada e, ao mesmo tempo, descobriram, via educação e uma certa militância sindical, as consequências dessa divisão em classes opostas.

Assim, o que se pode concluir, em função dos resultados obtidos neste trabalho é que as ações e o discurso das professoras podem ser considerados ações pedagógicas que constituem pequenas manifestações de um processo de educação popular, conflituoso e contraditório, como a própria sociedade capitalista, dada a posição, conflituosa e contraditória, das professoras-proprietárias, das “Senhoras da Lua”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. 2. ed. São Paulo-Campinas: HICITEC/UNICAMP, 1998.
- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de estado. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith & GEWANDSZNAJDER, Fernando. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Editora Pioneira, 1998.
- BARREIRO, Júlio. Educação popular e conscientização. Petrópolis: vozes, 1980 (Educação e tempo

presente, 14).

CHAUI, Marilena. O que é ideologia? Rio de Janeiro: Brasiliense, 1982.

DOIMO, Ana Maria. A vez e voz do popular. São Paulo: Relume Dumará, 1997.

FERREIRA, Eudson de Castro. Sem terra: vida e luta. Cuiabá: Gráfica da Emater, 1987.

FERREIRA, João Carlos Vicente. Mato Grosso e seus municípios. Secretaria de Estado de Educação, Cuiabá, 1997.

GOHM, Maria da Glória. História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

_____. Os sem-terra, ongs e cidadania. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. Teorias dos movimentos sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GRZYBOWSKI, Cândido. Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no Campo. 3. ed. Petrópolis: Vozes/Fase, 1991.

JESUS, Manoel Martins de. Jaciara: Senhora da Lua. Jaciara, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 1998.

MARX, K. A Ideologia Alemã. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

MOTTA, Manoel Francisco de Vasconcelos. Educação e cultura popular: roteiro histórico de um equívoco. São Carlos: UFSCar, 1986 (Dissertação de Mestrado).

MOURA, Lucia Seidl de; Ferreira, Maria Cristina & Paine, Patricia Ann. Manual de elaboração de projetos de pesquisa. RJ, EdUERJ, 1998.

POLI, Odilon. Leituras em movimentos sociais. Chapecó: Grifos, 1999.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de Movimentos Sociais. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TOURAINE, Alain. Crítica da modernidade. Tradução de Elia Ferreira Edel. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.